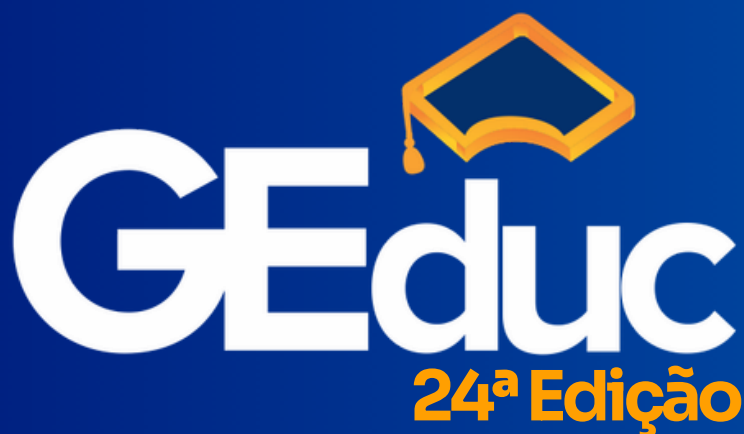


E-BOOK OFICIAL



Arquitetar Futuros:

EDUCAR, LIDERAR E TRANSFORMAR

**REFLEXÕES A PARTIR DOS
DEBATES QUE MARCARAM
O GEDUC 2026**

Realização:



Você está acessando o recorte dedicado as sessões do “GEduc Experience**”, parte do e-book do GEduc 2026.**

Este material reúne os principais pontos abordados nessa frente da programação, com reflexões, aprendizados e discussões que ajudam a aprofundar o olhar sobre os temas.

Para acompanhar a visão completa da edição, com os conteúdos das demais trilhas, fóruns e momentos que marcaram o congresso, acesse o e-book completo do GEduc 2026.

[CLIQUE AQUI E ACESSE](#)

Realização:



Reconhecido nacionalmente como o principal congresso de gestão educacional do Brasil, desde a sua 1ª edição, em 2003, o GEduc reúne os mais relevantes players da área para três dias de imersão que envolvem conteúdos de alto nível.

Ao longo de sua trajetória, o congresso se consolidou como um espaço de reflexão, atualização e conexão entre lideranças que atuam diretamente na construção dos rumos da educação brasileira. Em sua programação, são abordados temas estratégicos para escolas, instituições de ensino superior, mantenedores e gestores que buscam acompanhar as transformações do setor e tomar decisões cada vez mais alinhadas aos desafios contemporâneos.

Com palestrantes de renome, uma programação conectada às demandas reais e discussões voltadas aos desafios da gestão educacional, o GEduc se consolida como um encontro fundamental para gestores brasileiros que buscam atualização, visão estratégica e caminhos para fortalecer suas instituições.

Concomitante ao congresso, há uma Exposição com a participação de mais de 70 empresas que apresentam as últimas novidades em produtos e serviços educacionais.

Esse ambiente amplia a experiência dos participantes ao aproximar instituições de ensino de soluções, tecnologias e serviços que contribuem para a inovação, a eficiência da gestão e o fortalecimento das práticas educacionais.

O evento é promovido pela HUMUS, empresa que realiza capacitações para gestores de universidades e escolas, além de possuir soluções em consultoria e seleção de profissionais, serviços também exclusivos para o segmento educacional.

Com uma atuação dedicada ao desenvolvimento da gestão educacional, a HUMUS promove iniciativas que aproximam conhecimento, prática e especialistas do setor, contribuindo para a formação de líderes mais preparados para os desafios da educação.

Organizadoras



Beatriz Fernandes

Publicitária, atua na área de comunicação e eventos da Humus Educação, diagramadora deste e-book.



Sonia Simões Colombo

Head de Conteúdo do GEduc. CEO da Humus e Presidente do Instituto ELA Educadoras do Brasil



Thalita Chrispim

Conselheira consultiva da área de Inteligência de Mercado do GEduc. Sócia e Gerente de Operações e Relacionamentos da Humus Educação.

Educadores Autores



Aparecida do Carmo Frigeri Berhior

Consultora associada da HUMUS para Gestão Acadêmica. Doutora e mestre em Letras, com mais de 20 anos de experiência na gestão e docência no ensino superior. Atua na implementação de matrizes de referência de currículos e avaliação por competências; gestão e processos acadêmicos; capacitação de docentes.



Adriano Thomaz

Gerente Executivo na UniSoma, Especialista em advanced analytics e modelagem matemática, lidera equipes multidisciplinares no desenvolvimento de algoritmos e soluções inteligentes para o setor educacional. Matemático de formação, com Doutorado em Engenharia Elétrica pela Unicamp e Pós-doutorado no Canadá, combina rigor técnico com experiência executiva. Atuou em projetos de otimização no planejamento acadêmico integrado, de ofertas e alocação de recursos, de inteligência acadêmica e de gestão institucional. Curador do podcast DeepTalks sobre IA.

Educadores Autores



Carla Peron

Formada em Administração pela Faculdades Associadas de SP, especialização em Marketing pela ESPM e MBA pelo Insper, Carla Peron é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência no segmento educacional, atua em projetos de gestão de marca, comunicação integrada, reposicionamento e presença digital, contribuindo para que escolas fortaleçam sua identidade, comuniquem melhor seus diferenciais e ampliem sua relevância em um mercado cada vez mais competitivo.

Daniel Jaca

Formado em esporte, percebeu rapidamente que a atividade física era um caminho para o desenvolvimento socioemocional. Incomodado com o mundo, foi lá e tentou ajudar a melhorá-lo.

Denise Sawaia Tofik

Profissional com mais de 40 anos de experiência no ensino superior, com atuação em gestão acadêmica, docência e consultoria educacional. Especialista em regulação, qualidade e desenvolvimento institucional, com trajetória em posições de liderança e forte contribuição para a excelência e inovação na educação superior.

Fernanda Loyola

Mãe da Maria e da Leticia, e ama falar sobre relações humanas e os processos da maternagem na sociedade contemporânea. Olhar atento para o cuidado socioemocional dentro e fora da Electi.

Flávia Fernanda Costa

Doutora e mestre em Educação, com formação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela UFRGS, possui MBA em Gestão Educacional pela PUCRS e graduação em Pedagogia. Atua como Coordenadora Administrativa e Pedagógica do Ensino Médio no Colégio Israelita Brasileiro e é voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil. Ao longo de sua trajetória, foi Pró-Reitora de Graduação da UCS, onde criou o Centro de Inovação e Tecnologias Educacionais (CINTED), além de atuar em gestão acadêmica, docência no Ensino Superior e supervisão na Educação Básica. Foi avaliadora do MEC e possui certificação internacional Finlandesa - Innopeda Trainer, com atuação em iniciativas de inovação educacional e liderança feminina.

Educadores Autores



Hélder Pereira

Educador e especialista em inovação na aprendizagem, com mais de 20 anos de experiência no desenho e implementação de projetos educacionais. Sua atuação concentra-se em transformar o uso da tecnologia em experiências de aprendizagem com propósito e impacto real.



Imaculada Conceição Braga Campos

Mora em Belo Horizonte, Professora, Psicóloga, Pós graduada em Psicopedagogia Institucional, Especialista em Saúde Mental nas práticas Contemporâneas, Mestranda em Neuropsicologia. Possui sólida experiência na área da Educação e na Saúde Mental Clínica e Institucional. Atualmente trabalha com a Meta-Morfose Saúde Mental Preventiva para escolas e empresas, além de formação de equipes pedagógicas. Voluntária no Instituto ELA Educadoras do Brasil e na SWE (Society Women's Engineer's do Brasil).



Luciane Pereira

Enfermeira, mestre e doutora em Gestão e Saúde pela USP, com mais de 30 anos de atuação na Educação Superior. Iniciou sua trajetória como docente na USP e, desde então, ocupou posições estratégicas como coordenadora, diretora de pós-graduação, pró-reitora acadêmica, vice-reitora e reitora em grandes universidades. Com especializações em Gestão Hospitalar pela FGV e em Neurociência e Psicologia Positiva pela PUC, tem como foco a liderança de projetos acadêmicos inovadores, o desenvolvimento de equipes de alta performance voltadas à aprendizagem significativa, à sustentabilidade e à entrega de resultados. Atualmente, coordena projetos no processo de implantação da Faculdade BP.



Mirella Scorza

Formada em Comunicação pela FAAP, com pós-graduação em Marketing pela ESPM, MBA em Administração pela FIA/USP e extensões em Comunicação Corporativa pela FGV e Marketing Digital pelo Insper, Mirella Scorza é gestora da Mercare! Educação. Com mais de 30 anos de experiência, atua com foco em marketing estratégico, comunicação integrada, experiência do cliente, relacionamento e valorização de equipes, apoiando instituições de ensino na construção de posicionamentos mais claros, consistentes e sustentáveis.



Rui Fava

Com trajetória consolidada na gestão educacional, acadêmica e operacional, atua na construção de modelos e estratégias que conectam eficiência, qualidade e performance institucional. Sua experiência reúne planejamento estratégico, gestão de indicadores, desenvolvimento de equipes e implantação de projetos voltados à evolução das instituições de ensino. É doutor em Ciências da Educação, com formação também em Administração, Ciências Contábeis e MBA Executivo.

Educadores Autores



Sami Elia

Encontrou na escalada uma forma de viver suas paixões por esportes e pela natureza. Formado em administração, trabalhou como executivo no Citibank em diversas áreas, principalmente com planejamento estratégico. Guiado por sua paixão por iniciativas sociais, foi voluntário em diversos projetos sociais de educação que culminaram em uma transição de carreira para o segmento da educação socioemocional. Sócio Electi Educacional.

Futuros Educadores

Andressa Caroline Wendt da Cruz

Estudante do 7º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU

Francislene de Araujo Cordeiro Diogo

Estudante do 5º Semestre do curso de Licenciatura em História na FMU

Naxiane dos Santos da Silva

Estudante do 2º Semestre do curso de Pedagogia na FMU

Paloma Fregonesi Benedet

Estudante do 7º Semestre do curso de Pedagogia na FMU



GEDUC EXPERIENCE

Socioemocional como estratégia de prevenção ao bullying: construindo ambientes mais seguros

Autora: Fernanda Loyola

Participação: Sami Elia e Daniel Goldstein

O bullying não começa no momento em que acontece.

Ele começa muito antes, na qualidade das relações que a escola sustenta todos os dias.

No dia 25 de março de 2026, durante o GEduc Experience, a Electi Educacional conduziu uma vivência com gestores e educadores a partir de uma provocação essencial:

O que sustenta, de fato, a qualidade das relações dentro da escola?

Ao abordar o tema do bullying, é comum que o foco recaia sobre os episódios aquilo que precisa ser interrompido, mediado ou resolvido. No entanto, ao longo da experiência, o olhar foi deslocado para além da reação imediata.

Mais do que responder aos conflitos, a proposta buscou compreender o que antecede esses comportamentos e como é possível preveni-los a partir da cultura construída no cotidiano escolar.

Esse movimento começou com um exercício de reconhecimento: em qualquer espaço coletivo seja uma sala de aula, uma reunião pedagógica ou um intervalo múltiplas emoções coexistem.

Os participantes foram convidados a identificar sentimentos presentes em momentos bons e difíceis e a representá-los em um corpo humano. O resultado evidenciou algo fundamental:

A escola é um espaço onde diferentes sensações, positivas e negativas, acontecem simultaneamente.

Esse conjunto de emoções forma um verdadeiro “caldeirão de possibilidades”, que influencia diretamente a forma como os conflitos emergem e são vividos.

É a partir desse reconhecimento que o trabalho socioemocional ganha sentido não como resposta pontual, mas como uma estrutura que sustenta as relações. Compreender esse cenário também exigiu diferenciar conceitos que, muitas vezes, se confundem.





O conflito é parte natural das relações humanas. Ele pode ser intrapessoal, interpessoal ou coletivo e, quando trabalhado de forma pedagógica, torna-se uma oportunidade potente de aprendizagem.

A violência surge quando não se consegue lidar adequadamente com esse conflito seja como desdobramento ou como reação direta.

Já o bullying possui características específicas: trata-se de um processo recorrente, estrutural e, muitas vezes, velado, marcado por uma desigualdade de poder entre pares.

Essa distinção não é apenas conceitual ela orienta a forma como a escola intervém, previne e educa.

Ao aprofundar o olhar sobre o bullying, destacou-se também a importância da chamada tríade: quem pratica, quem sofre e quem assiste.

A presença dos espectadores sustenta, muitas vezes, a continuidade do comportamento. Por isso, o enfrentamento do bullying não se limita aos indivíduos diretamente envolvidos ele exige um olhar ampliado para a cultura do grupo.

Foi a partir disso que a experiência propôs uma reflexão em camadas: como fortalecer a subjetividade, traduzir isso em prática, reconhecer os desafios reais da escola e sustentar uma visão de futuro mais potente.

Porque, no fundo, a pergunta não é apenas “como agir diante do bullying?”, mas sim:

Que tipo de ambiente a escola está construindo todos os dias?

E é nesse ponto que emerge uma imagem potente: a diferença entre apagar incêndios e desatar nós.

Apagar incêndios é necessário, mas desgastante.

É a resposta imediata às crises que já se instalaram.

Desatar nós, por outro lado, exige um trabalho intencional, contínuo e estruturado.

É investir na qualidade das relações antes que os conflitos escalem.

É organizar o cotidiano, fortalecer vínculos, ampliar o senso de pertencimento e construir um ambiente mais previsível e seguro.

Esse deslocamento do reativo para o estrutural é o que sustenta o socioemocional como estratégia de prevenção.

Nesse caminho, um princípio torna-se inegociável: cada escola precisa construir o seu próprio percurso.

Não se trata de aplicar modelos prontos, mas de reconhecer a singularidade de cada contexto suas histórias, desafios e potências.



A prevenção do bullying não acontece por replicação, mas por adaptação consciente e construção coletiva.

É na flexibilidade, aliada ao respeito à identidade de cada escola, que o trabalho socioemocional ganha consistência e legitimidade.

E isso leva a um ponto central:

O socioemocional não é um complemento é uma escolha de cultura.

Uma escolha que não acontece em um projeto isolado, mas que se manifesta todos os dias:

nas conversas que são possíveis,
nas intervenções que são feitas,
nos combinados que são sustentados,
e na forma como adultos e estudantes aprendem a se relacionar.

Escolher cuidar do socioemocional é escolher construir, intencionalmente, um ambiente onde o conflito pode existir mas não precisa se transformar em violência.

É escolher sair da lógica da reação e assumir a responsabilidade pela construção de uma cultura mais consciente, mais respeitosa e mais segura.

E é justamente para apoiar essa construção que diferentes ferramentas podem fazer sentido ao longo do caminho.

Guias, cartazes, práticas estruturadas e formações podem contribuir, desde que estejam conectados à realidade da escola e inseridos em uma intencionalidade maior.

Mais do que entregar respostas prontas, trata-se de ampliar repertórios e sustentar práticas que façam sentido no cotidiano.

Escuta que acolhe.
Experiência que transforma.
Escolha que fortalece.

Mais do que evitar conflitos, trata-se de construir uma cultura capaz de lidar com eles e, assim, prevenir que se transformem em violência.

GEDUC EXPERIENCE

Do empírico ao analítico:

Aprendizados na construção de um planejamento acadêmico mais inteligente

Adriano Thomaz

Contexto da Experiência

A gestão do planejamento acadêmico, especialmente em instituições de ensino superior em crescimento, vem se tornando progressivamente mais complexa. O que antes podia ser conduzido com base em experiência, tentativa e erro e ferramentas simples, passa a exigir um nível de coordenação e análise que desafia os modelos tradicionais de decisão.

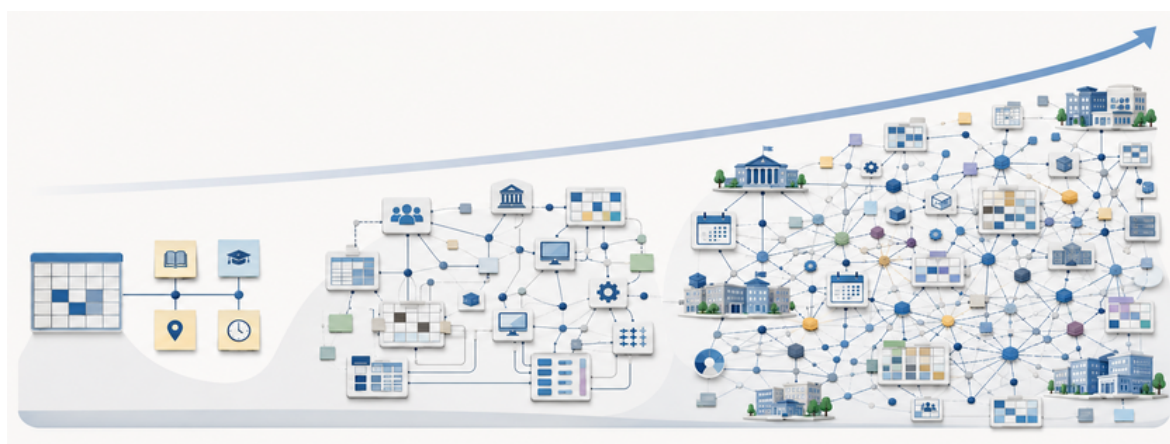
O desafio central que motivou a experiência apresentada foi justamente esse: como estruturar o planejamento de turmas, alocação de docentes e uso de infraestrutura em um contexto marcado por múltiplas variáveis interdependentes — muitas delas dinâmicas e imprevisíveis?

Esse cenário é intensificado por fatores recentes. A expansão de unidades, a coexistência de diferentes modalidades (presencial, semipresencial e EaD), as mudanças regulatórias e o aumento do número de alunos criam um ambiente onde decisões locais geram impactos sistêmicos.

Além disso, o planejamento acadêmico não se limita a uma única etapa. Ele começa na definição de oferta de disciplinas, passa pela formação de turmas, pela alocação em salas e culmina na construção da grade horária — cada etapa carregando restrições próprias e efeitos em cadeia.

Historicamente, muitas instituições lidaram com esse desafio de forma artesanal. Relatos da experiência mostram processos baseados em quadros físicos, post-its e decisões iterativas, que funcionavam em contextos menores, mas se tornam inviáveis à medida que a escala aumenta.

A questão que emerge, portanto, não é apenas operacional, mas estrutural: como tomar decisões consistentes em um sistema onde o número de combinações possíveis cresce exponencialmente?



A complexidade do problema é frequentemente subestimada

Um dos primeiros aprendizados foi a percepção de que o planejamento acadêmico não é um problema linear. Ele envolve a combinação simultânea de variáveis como:

- Disponibilidade e qualificação de docentes
- Capacidade e tipologia das salas e laboratórios
- Demandas por disciplina
- Restrições acadêmicas e regulatórias
- Horários, turnos e calendário acadêmico
- Deslocamento entre unidades

Essa multiplicidade torna inviável a tomada de decisão puramente intuitiva em cenários de maior escala.

“O problema não é apenas grande — ele é combinatório.”

O maior ganho não está na resposta final, mas no ponto de partida

Um insight relevante da experiência foi entender que o valor de uma abordagem analítica não está necessariamente em entregar uma solução perfeita, mas em oferecer um ponto de partida estruturado.

O planejamento deixa de ser construído do zero e passa a partir de uma base consistente, que considera simultaneamente múltiplas restrições. A partir daí, o gestor atua como decisor, ajustando e refinando o plano.

Essa mudança de lógica — de “construir manualmente” para “avaliar e ajustar cenários” — altera profundamente o papel da gestão.

Dados integrados são condição básica para qualquer avanço

Outro aprendizado crítico foi a necessidade de centralização e padronização das informações.

Em muitos contextos, diferentes áreas ou coordenações operam de forma isolada, o que impede uma visão sistêmica. A experiência evidenciou que sem integração de dados — especialmente sobre alunos, docentes e infraestrutura — o planejamento tende a ser fragmentado e menos eficiente.

Pequenas decisões estruturais reduzem drasticamente a complexidade

Durante a experiência, ficou evidente que algumas decisões de desenho acadêmico têm impacto direto na complexidade do problema.

Um exemplo relevante foi a padronização de encontros de aula (como vincular automaticamente determinados dias da semana), reduzindo o número de combinações possíveis no planejamento.

Esse tipo de decisão não elimina o problema, mas o torna tratável.

“Nem toda complexidade precisa ser resolvida — parte dela precisa ser evitada.”

O planejamento é dinâmico — e precisa ser tratado como tal

Outro aprendizado importante foi reconhecer que o planejamento acadêmico não termina quando a grade é definida.

Mudanças contínuas — como entrada tardia de alunos, reprovações, evasão ou contratação de docentes — exigem revisões constantes.

Nesse sentido, o processo precisa ser:

- Iterativo
- Atualizável / (re-planejável)
- Sensível a novos dados

A ideia de um planejamento “fechado” se mostra incompatível com a realidade.

O objetivo real vai além da eficiência operacional

Embora a otimização de recursos seja uma motivação evidente, a experiência revelou uma mudança de perspectiva relevante: o objetivo final do planejamento não é apenas reduzir custos, mas melhorar a experiência do aluno.

Problemas como falta de vagas em disciplinas, conflitos de horário ou indisponibilidade de turmas impactam diretamente a jornada acadêmica — e, consequentemente, a retenção.

Esse deslocamento de foco redefine os critérios de decisão.

Aplicações Possíveis na Realidade das Instituições

A experiência vivenciada oferece aprendizados aplicáveis a diferentes contextos institucionais, independentemente do porte ou nível de maturidade analítica.



Estruturar o problema antes de buscar soluções

Antes de pensar em ferramentas ou métodos, é fundamental mapear:

- Quais são as variáveis relevantes
- Quais restrições são inegociáveis
- Quais decisões são estratégicas

Esse exercício já traz ganhos significativos de clareza.

Investir na qualidade e integração dos dados

Sem dados consistentes, qualquer tentativa de planejamento estruturado será limitada.

Instituições devem priorizar:

- Unificação de bases de dados
- Padronização de informações
- Governança sobre atualizações

Reduzir complexidade por meio de regras estruturais

Nem toda melhoria depende de tecnologia. Algumas decisões organizacionais podem simplificar o problema, como:

- Padronização de horários
- Definição clara de regras de alocação
- Limitação de combinações possíveis

Essas medidas aumentam a previsibilidade e reduzem o esforço operacional.

Adotar uma lógica de simulação e cenários

A possibilidade de testar diferentes configurações — como aumento de docentes, abertura de novas unidades ou reorganização de turmas — permite decisões mais embasadas.

A experiência mostrou que simular cenários ajuda a antecipar gargalos, como:

- Limitações de espaço físico
- Falta de docentes
- Sobrecarga de determinadas disciplinas

Envolver os gestores no processo decisório

Mesmo com apoio analítico, a decisão final continua sendo humana.

O papel do gestor se transforma, passando de executor operacional para avaliador de cenários e tomador de decisão estratégica.



Fechamento Reflexivo

A experiência evidencia uma mudança importante na gestão educacional: sair de um modelo reativo, baseado em ajustes contínuos, para um modelo mais estruturado, capaz de antecipar problemas e explorar possibilidades.

No entanto, essa transição não é apenas tecnológica. Ela exige uma mudança de mentalidade — especialmente na forma como se entende o planejamento.

Planejar deixa de ser uma atividade operacional e passa a ser um exercício de modelagem da realidade.

“Planejar não é prever o futuro — é estruturar melhor as decisões do presente.”

Diante disso, fica uma provocação:

Até que ponto o planejamento acadêmico da instituição está sendo conduzido como um processo estruturado — e não apenas como uma sequência de ajustes?

E, mais importante:

Que pequenas mudanças hoje poderiam tornar esse processo mais inteligente, mais previsível e mais alinhado à experiência do aluno?





GEDUC EXPERIENCE

Do caos de ferramentas ao impacto real: IA, dados e conteúdo curado que funciona

Hélder Pereira

A experiência intitulada “Do caos de ferramentas ao impacto real: IA, dados e conteúdo curado que funciona” foi concebida a partir de uma constatação incômoda, mas cada vez mais evidente no cenário educacional: a ampliação do acesso à tecnologia não tem se traduzido, na mesma medida, em melhoria consistente dos resultados de aprendizagem.

Ao serem convidados a refletir sobre suas realidades institucionais, os participantes rapidamente identificaram um padrão recorrente. A jornada do aluno, longe de ser fluida e integrada, é frequentemente composta por múltiplas plataformas, sistemas e ambientes que operam de forma paralela. Cada ferramenta resolve uma parte do problema, mas raramente dialoga com as demais.

Essa multiplicidade, à primeira vista, pode ser interpretada como sinal de inovação. No entanto, ao ser observada mais de perto, revela uma lógica fragmentada, na qual a integração não está no sistema, mas no esforço humano de quem o utiliza.

Foi nesse ponto que a experiência ganhou densidade. Ao deslocar o olhar da quantidade de ferramentas para a qualidade da experiência, tornou-se possível reconhecer que o desafio não está na ausência de soluções, mas na falta de articulação entre elas.

Mais tecnologia, nesse contexto, não necessariamente significa mais aprendizagem. Em muitos casos, significa apenas mais complexidade.

Ao longo da experiência, emergiu um conjunto de percepções que, embora já intuídas por muitos participantes, ganharam forma e clareza no exercício coletivo.

A primeira delas foi a constatação de que o excesso de tecnologia pode gerar uma sensação ilusória de avanço. Instituições que acumulam ferramentas, sem um desenho claro de uso, tendem a deslocar o foco da aprendizagem para a operação. Professores passam a administrar sistemas, alunos aprendem a navegar entre plataformas, e a experiência pedagógica, que deveria estar no centro, perde protagonismo.

A fragmentação, nesse sentido, não é apenas um problema técnico. É um problema pedagógico.

Quando não há continuidade, não há jornada. E, sem jornada, a aprendizagem se torna episódica, superficial e, muitas vezes, esquecível.





Outro ponto relevante surgiu na discussão sobre o papel da curadoria. Em um ambiente de abundância, a ausência de critérios não amplia possibilidades — ela dilui o sentido. Conteúdos competem entre si, disputam a atenção do aluno e, sem uma lógica estruturante, acabam por não se converter em conhecimento.

A curadoria, então, deixa de ser uma etapa acessória e passa a ocupar um lugar central. Não como filtro, mas como estratégia. Ela define não apenas o que é oferecido, mas como, quando e por que determinado conteúdo entra na experiência de aprendizagem.

“Sem curadoria, o conteúdo compete.
Com curadoria, ele constrói.”

A reflexão sobre experiência trouxe um deslocamento importante. Durante muito tempo, a discussão educacional concentrou-se no acesso. Hoje, torna-se evidente que acesso é condição necessária, mas não suficiente. O que diferencia uma experiência relevante de um simples consumo de conteúdo é a existência de um percurso intencional.

Aprender exige progressão, contexto e envolvimento. Exige, sobretudo, que o aluno compreenda onde está, para onde vai e por que está fazendo aquele percurso.

Nesse ponto, a inteligência artificial entrou na discussão não como solução imediata, mas como elemento de tensão.



A maioria dos participantes já havia tido contato com ferramentas de IA, especialmente aquelas voltadas à geração de conteúdo. O entusiasmo inicial, no entanto, foi rapidamente acompanhado por uma inquietação: até que ponto se pode confiar no que é gerado?

O silêncio que se seguiu foi revelador.

Percebeu-se que a IA, quando utilizada sem critérios claros, pode introduzir um novo tipo de fragilidade no processo educacional. Ao automatizar a produção de conteúdo, ela amplia a escala — mas não garante a qualidade.

Nesse contexto, consolidou-se um entendimento mais amadurecido: a IA não substitui o papel do educador. Pelo contrário, torna sua mediação ainda mais necessária. Ela não elimina a responsabilidade pedagógica; ela a reposiciona.

Por fim, a discussão sobre dados trouxe à tona uma tensão igualmente relevante. Embora as instituições tenham avançado significativamente na coleta de informações, ainda é limitada a capacidade de transformá-las em decisões concretas.

Ter dados não significa compreender a realidade. E compreender a realidade não garante, por si só, a tomada de decisão.

O valor do dado reside na sua capacidade de orientar ação.

Os aprendizados gerados apontam para movimentos possíveis, que não exigem grandes rupturas, mas demandam intencionalidade e consistência.

Um primeiro passo consiste em revisitar o ecossistema existente. Ao mapear as ferramentas em uso, suas finalidades e interações, torna-se possível identificar redundâncias e lacunas. Muitas vezes, a simples visualização desse cenário já permite reconhecer excessos e repensar escolhas.

A reorganização não precisa começar pela substituição, mas pela compreensão. Ao tornar explícito o funcionamento do sistema, abre-se espaço para decisões mais conscientes.

No campo da curadoria, pequenas mudanças podem gerar impactos significativos. Ao invés de disponibilizar grandes volumes de conteúdo, pode-se optar por seleções mais intencionais, alinhadas a objetivos claros. A construção de percursos organizados, ainda que simples, contribui para dar sentido à experiência e orientar o aluno.

Esse movimento implica uma mudança de lógica: de quantidade para relevância.

Na dimensão da experiência, a transição mais importante está na passagem do conteúdo isolado para o percurso estruturado. Organizar materiais em sequências, conectar atividades e criar momentos de aplicação transforma a relação do aluno com o conhecimento. Ele deixa de acessar conteúdos dispersos e passa a percorrer um caminho.

Mesmo iniciativas pontuais já são capazes de evidenciar esse ganho quando se estruturam com início, desenvolvimento e fechamento.

Em relação à inteligência artificial, o avanço não está em ampliar seu uso indiscriminadamente, mas em qualificá-lo. Antes de incorporar conteúdos ou recomendações geradas por IA, torna-se essencial estabelecer critérios de validação. A confiança no sistema depende da confiança no processo.





Perguntas orientadoras tornam-se indispensáveis: o conteúdo está adequado ao contexto? As fontes são verificáveis? Há alinhamento com os objetivos de aprendizagem?

A resposta a essas questões não elimina o risco, mas reduz sua incidência e fortalece a qualidade da experiência.

Por fim, na utilização de dados, o desafio está em simplificar para agir. Ao invés de buscar indicadores complexos, pode-se iniciar com poucos elementos, desde que relevantes. A observação sistemática de padrões de acesso, engajamento ou conclusão, quando conectada a decisões pedagógicas, já permite ajustes significativos.

A transformação, nesse caso, não está no volume de informação, mas na consistência da leitura e na capacidade de resposta.

Ao final da experiência, uma percepção se impôs de forma quase inevitável: o desafio da educação digital não é tecnológico. É estrutural.

A tecnologia, por si só, não transforma. Ela potencializa aquilo que já existe. Se o sistema é fragmentado, ela amplia a fragmentação. Se há intencionalidade, ela amplia o impacto.

“O problema não é o que falta.
É o que não se conecta.”

A inteligência artificial, nesse contexto, não deve ser compreendida como um recurso adicional, mas como parte de um movimento mais amplo de reorganização do ecossistema de aprendizagem.

Ela não inaugura um novo problema. Ela torna mais visível aquilo que já não funcionava.

Talvez, por isso, a provocação mais relevante não esteja na adoção de novas soluções, mas na revisão das existentes.

Se fosse necessário simplificar o sistema atual, mantendo apenas aquilo que realmente contribui para a aprendizagem, o que permaneceria?

A resposta a essa pergunta pode ser desconfortável. Mas é precisamente nesse desconforto que reside a possibilidade de transformação.

Ao deslocar o foco da tecnologia para a intencionalidade, abre-se espaço para um novo tipo de decisão. Menos orientada pela novidade, mais orientada pelo impacto.

E, nesse movimento, talvez se encontre o verdadeiro ponto de virada: compreender que a inovação não está em adicionar camadas ao sistema, mas em torná-lo coerente.

Porque, no fim, aprender não é acessar mais.

É compreender melhor, aplicar com sentido e transformar a própria relação com o conhecimento.



Um quarto de século desenhando o futuro da educação.

O GEduc 2026 foi uma edição marcada por dias intensos de troca, reflexão e conexão entre lideranças comprometidas com o futuro da educação. Cada debate, encontro e experiência reafirmou a força de um congresso que acompanha, há mais de duas décadas, as transformações da gestão educacional no Brasil.

Com o encerramento deste ciclo, abrimos caminho para um marco histórico: em 2027, o GEduc completa 25 anos.

Será o Jubileu de Prata do principal congresso de gestão educacional do país, uma edição comemorativa que celebrará a trajetória construída até aqui e apontará para os próximos caminhos da educação.

Estamos preparando uma experiência especial, em que tradição, inovação, liderança e futuro se encontram para marcar a história do GEduc e de todos que fazem parte dela.

Prepare-se para viver uma edição histórica.

Garanta sua participação no GEduc 25 anos com
25% de desconto utilizando o cupom **"EBOOK25"**

[**CLIQUE AQUI E INSCREVA-SE**](#)